

PERFORMATIVIDADES COLONIAIS: OS PROCESSOS DE INQUISIÇÃO NO BRASIL¹

Luan Nagib Marques Peres², Ivan Delmanto Franklin de Matos³

1 Vinculado ao projeto “A formação negativa: dialética e história do teatro no século XX”

2 Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC

3 Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – ivandelmanto@gmail.com

Este resumo trata das atividades realizadas pelos integrantes do projeto de pesquisa *A formação negativa: dialética e história do teatro no século XX*. Iniciamos as atividades em agosto de 2021, as quais, em decorrência do isolamento social por conta da COVID-19, aconteceram de forma assíncrona. Nossa objetivo inicial estava centrado na realização de uma pesquisa teórica e prática partindo do estudo da presença da inquisição portuguesa no Brasil entre os séculos XVI e XVIII e na investigação de manifestações que lemos como performativas dentro deste contexto. Em salas virtuais, nos debruçamos sobre materiais que tratavam do tema, definindo certa metodologia para realização desses encontros. A cada semana deveríamos levar três citações do texto que havia sido selecionado para leitura e, em seguida, debater através do que cada um selecionara como mais importante. Ronaldo Vainfas (1997), Silvia Federici (2017) e William Shakespeare (2016) foram nossas primeiras leituras.

A leitura de Vainfas abriu nossos horizontes a respeito do período colonial brasileiro. Encontramos em seu *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil* análises da configuração social nesse período junto a histórias cotidianas vividas por personagens de diferentes contextos sociais. A partir desta leitura já nos foram sugeridos uma série de acontecimentos com os quais poderíamos trabalhar a partir da ótica das performatividades. Seguimos com a leitura de Federici, que no livro *Calibã e a bruxa - mulheres, corpo e acumulação primitiva* apresenta uma análise da inquisição européia, responsável pelo extermínio de centenas de milhares de mulheres “bruxas”. A autora também estabelece relações com o texto *A tempestade*, de Shakespeare, que viria ser nossa terceira leitura e material responsável por nossa entrada no trabalho prático. Sycorax, a bruxa de Shakespeare, é personagem citada na obra, mas ausente quanto presença cênica. Esta questão que já é levantada no trabalho de Federici nos levou a pensar de que forma trabalhariamos a partir do texto *A tempestade* como alegoria da colonização, da inquisição.

A pesquisa que estamos desenvolvendo está marcada pela ideia de Formação (Delmanto, 2016), através da qual investigamos as contradições da importação de formas artísticas estrangeiras para o contexto histórico nacional. A incorporação destes modelos nas obras realizadas no Brasil acaba por formar trabalhos híbridos, “arruinados”. Outro ponto significativo para nossa pesquisa é a noção de performatividade. Conceito este que nos permite investigar rituais coletivos e manifestações cênicas que vão além do teatro. Trata-se da performatividade (Schechner, 2003) como pretexto de investigação não só sobre as possibilidades de se pensar em um acontecimento cênico, mas também como auxílio na leitura e no estudo de diversos acontecimentos coletivos em diferentes tempos históricos. É desta perspectiva que partimos para uma experimentação performativa relacionada à Inquisição no Brasil e também a um modelo paradigmático da história clássica do teatro, o texto de William Shakespeare, *A tempestade*.

Desde o princípio estabelecemos que nossa pesquisa aconteceria de forma colaborativa e foi a partir disso e das leituras anteriormente citadas que iniciamos os encontros práticos. Esses encontros passaram a acontecer por meio do procedimento que foi denominado “inquisição”, em que semanalmente um dos integrantes do grupo ficaria responsável por compor uma cena a ser inquirida. Inquirir é questionar, insistir. Deste modo aquilo que acontecia “em cena” era constantemente modificado, gerando uma série de versões para uma só proposta. Junto a isso, nosso treinamento físico aconteceu a partir de práticas de exaustão. Através de exercícios cujo objetivo era nos exaurir, experimentamos um estado “alterado” na hora da criação das cenas. Partindo destes experimentos, fomos refletindo acerca das imagens formadas e as centralizamos em um roteiro que serviria como guia do compartilhamento do experimento performativo.

Com a pesquisa em andamento, nosso processo colaborativo parece nos orientar rumo a criação de um experimento performativo e coletivo, em que atores e espectadores se fundem em uma compreensão mais ampla da história de todos e de cada um.

Palavras-chave: Performatividades. Inquisição. Processo colaborativo.